



## Colagens digitais no bairro Jundiáí em Anápolis

**Pedro Pereira de Azevedo Rosa<sup>1</sup> (IC), Milena d' Ayala Valva<sup>2</sup>(PQ)**

**pedroprpazevedo@gmail.com**

Universidade Estadual de Goiás – IACT Instituto Acadêmico de Ciências Tecnológicas – Campus Central/CET, Br 153, nº 3.105, Anápolis, Goiás, Brasil.).

**Resumo:** Este trabalho tem como objetivo compreender a sociedade do consumo, especificamente a localizada no bairro Jundiáí, em Anápolis-GO vista aqui através de fragmentos de imagens para formar uma narrativa sobre a temática. O bairro Jundiáí vem se tornando cada vez mais elitizado e verticalizado nos últimos anos, apesar de ser composto por diferentes realidades, todas elas bastante heterogêneas. A reflexão sobre o habitar e o habitat baseou-se nas discussões desenvolvidas pelo Grupo de Trabalho do GT2 do PPGS TECCER-UEG, intitulado *Cidade, Sistema, Habitar e Meio Ambiente* entre os anos de 2019 a 2020. Por meio da captura de imagens realizadas nos trabalhos de campo e da elaboração de mapas cartográficos, foi possível identificar personagens e dados territoriais que caracterizam esse território em Anápolis. Através da técnica de colagem digital, procurou-se elaborar uma cartografia da subjetividade, na tentativa de costurar temas e conceitos que traduzem a dinâmica da apropriação desse bairro.

Palavras-chave: Colagem digital. Cartografia da Subjetividade, Sociedade do Consumo, Espaço Urbano.

### Introdução

O bairro Jundiáí, localizado em Anápolis é uma centralidade muito importante para a vida urbana da cidade. Sua história se inicia na década de 1940, quando o loteamento, projetado por um escritório de São Paulo<sup>3</sup>, é implantando em uma área

<sup>1</sup> Acadêmico do Curso de Arquitetura e Urbanismo do IACT (Instituto Acadêmico de Ciências Tecnológicas – Campus Central/CET-UEG).

<sup>2</sup> Arquiteta e Urbanista. Docente do Curso de Arquitetura e Urbanismo da UEG e do PPGS-TECCER-UEG.

<sup>3</sup> Escritório oriundo de São Paulo, dirigido por Dr. João Alves Toledo, engenheiro e urbanista e superintendente geral da Companhia Serviços de Engenharia. Contratado pela Prefeitura de Anápolis, a proposta de projeto para o bairro teve como objetivo conectar o centro da cidade através das avenidas goiás, Barão de Cotegipe e Barão do Rio Branco (CABRAL, 2020. P. 38).





próxima ao centro da cidade. Com fortes referências ao modelo de cidade jardim bastante difundido em países da Europa e dos Estados Unidos, e com exemplares em várias cidades do Brasil, incluindo a recém inaugurada capital do Estado, prometia, no seu lançamento, apresentar uma qualidade de vida diferente para a cidade localizada no Planalto Central do país.

De acordo com Cabral (2020) o projeto do bairro Jundiá apresentava a promessa de ruas e avenidas largas, que comportariam até três fileiras de carros, com faixas arborizadas, aproximando da ideia de progresso que a sociedade Anapolina almejava. Em anexo a ele, estava já presente, de acordo com Junior (2020) um bairro industrial, o Jundiá Industrial, também inspirado em experiências de outros lugares do mundo.

O Grupo de pesquisa Cidade, Sistema, Habitar e Meio Ambiente do Programa de Pós-Graduação Teccer da UEG, vem desde 2012, produzindo pesquisas sobre a dinâmica da cidade e nos últimos algumas dissertações estão elaborando uma cartografia do bairro Jundiá, com temáticas que se correlacionam. Vale destacar os trabalhos de Thalita Aguiar “Corpos Segregados e pobreza absoluta no processo de produção de pessoas em situação de rua em Anápolis” (2019), Ana Laura L. Cabral “COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiá, em Anápolis (GO)” (2020), e Osvaldo Junior “DA GÊNESE AO GÊNESIS: Transformações e Permanências no Espaço da Vila Industrial Jundiá” (2020). Todas essas pesquisas reúnem uma quantidade interessante de imagens conceituais, simbólicas e reais, formando um cenário relevante para a compreensão da ambiência dos diferentes fluxos presentes no bairro Jundiá.

Esses trabalhos serviram de base para a compreensão da dinâmica estabelecida nesse espaço urbano que, aparentemente pode parecer bastante homogêneo, mas, que como defende Cabral (2020) em sua pesquisa, ele é formado de várias partes, muitas delas conflitantes em seus usos e imagens. Aguiar (2019) afirma que o espaço urbano é marcado por complexidade e diferenciações e que é preciso se aproximar da dimensão material e concreta, mas também das relações mais abstratas e simbólicas.





Lugar onde serviços importantes como hospital, clínicas, agências bancárias, comércios mais sofisticados, edifícios residenciais de alto padrão, um parque urbano urbanizado, além de uma vida noturna pulsante, convive também com vendinhas e comércios mais tradicionais, lotes baldios, quintais frutíferos, feiras, e um tempo onde o cotidiano e o ritmo mais rural parecem ainda ter seu espaço. Pessoas de várias idades, classes sociais, interesses circulam pelo bairro, deixando marcas e impressões.

Por meio da geografia portátil, apresentada por Aguiar (2019) na busca pelos personagens que compõem o espaço urbano, a autora analisa pessoas em situação de rua e sua inserção corporal no cenário urbano na cidade de Anápolis (GO), conceituando como corpo e cidade. Diante disso, a autora investiga como o processo de segregação acontece, seus elementos estruturadores, a linguagem como elemento de segregação e como as pessoas em situação de rua enxergam seu lugar na cidade. Ainda nessa linha, Cabral (2020), aponta que imagem, imaginação, imaginário e memória são elementos presentes na construção do espaço urbano que, baseado nos modelos das cidades globais da atualidade formando ou eximindo novas percepções, intervém na estética arquitetônica e urbana e provocando uma nova percepção no imaginário coletivo. Sobre a essência desse imaginário, Lefebvre destaca:

A imagem, a imaginação, o imaginário parecem mergulhar no fluxo temporal e prolongá-lo; no entanto, a essência do imaginário situa-se, talvez, na evocação, na ressurreição do passado, ou seja, numa repetição. Isso aproximaria a imagem da lembrança e o imaginário da memória, assim como do conhecimento (LEFEBVRE, 1991, p. 24-25, apud. CABRAL, 2020, p. 70 ).

No trabalho de Junior (2020), a rugosidade do espaço, marcada por permanências em risco, nos coloca frente a frente com a temática da memória e da identidade.

Várias ambiências, públicos e imagens se sobrepõem no bairro Jundiá. Isolados nesse momento da pandemia do Covid-19, essas dissertações desenvolvidas no Teccer, estão servindo de base para a compreensão do mosaico de imagens que essa pesquisa pretende apresentar.





A colagem digital é a ferramenta escolhida para experimentar a força da representação de um lugar, e quem sabe a partir dessa manifestação artística, contribuir também para a reflexão sobre o espaço da cidade e as relações sociais. Vale lembrar, que para Harvey (2007), as práticas estéticas e culturais possuem particular sensibilidade para captar o movimento cambiante do espaço e do tempo, uma vez que estão envolvidas com a construção de representações que sinalizam experiências localizadas entre o ser e o porvir.

### Material e Métodos

- Revisão bibliográfica das dissertações desenvolvida sobre o bairro Jundiáí no Grupo de trabalho 2 da Linha 01 do Teccer-UEG ( 2019-2020);
- Identificação dos principais autores, conceitos e ideias contidas nas pesquisas analisadas;
- Reunião prévia de imagens (fotografias, gráficos) e imagens conceituais interessantes para compreender a ambiência do bairro Jundiáí;
- As imagens foram coletadas das dissertações dos registros presentes nas dissertações de Cabral (2020), Aguiar (2019) e Junior (2020), com o objetivo de extrair personagens, cenários, ambiências e elementos do cotidiano do bairro Jundiáí;
- Por fim, as imagens foram recortadas e tratadas realizando o processo de colagem digital/conceitual e produção de uma cartografia subjetiva.

### Resultados e Discussão

A análise das dissertações permitiu um entendimento sobre a problemática da sociedade do consumo dirigido que atua no bairro Jundiáí, a partir das reflexões de Aguiar (2019), que traz a relação entre corpo e cidade, evidenciando a segregação urbana e compreendendo como é realizada apropriação dos espaços públicos por pessoas em situação de rua. O corpo é dissolvido no espaço-tempo e internaliza os acontecimentos históricos da cidade (Harvey 2004 apud Braga 2020 p. 37).





De acordo com Cabral (2020) são impostas representações no imaginário coletivo que, por meio de um interesse especulativo vem alterando a forma de percepção do espaço urbano, anunciando-o como produto. Bicalho (2021), aponta, por meio de Cabral (2020), que a sociedade do consumo é motivada pelo desejo de “status” e os veículos de comunicação são os agentes propagadores por meio de peças publicitárias. Essa forma de ler a cidade, permite a identificação de individualidades, apropriação e os tempos coexistentes no bairro Jundiaí, sobrepondo o imaginário e a memória coletiva.

O traçado geométrico da Vila Industrial Jundiaí em função da linha férrea conforma limites nos setores, é de extrema importância para a compreensão da sobreposição de imagens (individuais e coletivas) e por meio de elementos presentes no tecido urbano é possível realizar uma análise do território (Junior 2019, p. 85). Ainda nesse sentido, é perceptível a rugosidade - o tempo do passado presente no tempo atual, nem sempre visível aos olhos, mas também ao conhecimento (SANTOS apud JUNIOR 2019, p. 95). É também a visão de porvir, atrelada ao uso do território e a dinâmica dos lugares. Sendo assim, as rugosidades são responsáveis por impedir que transformações ocorram no território, concomitantemente influenciam no conteúdo do espaço não necessariamente interferindo na sua forma.

Pontos de discussão relevantes:

- 1- A imagem real do bairro Jundiaí é muito diferente daquela imaginada e vinculada sobre o bairro Jundiaí. A memória coletiva parece eleger um fragmento de imagem, que de tão forte e disseminada, acaba se revelando como uma verdade pouco questionável;
- 2- A imagem que prevalece é a de um bairro nobre, elitizado, cercado de boa infraestrutura, sem grandes problemas e o sonho de consumo de grande parte da população da cidade (Figura 1 – 3);





- 3- A imagem real, é marcada por lugares heterogêneos, em suas configurações, aspectos construtivos, qualidade da infraestrutura, usos e apropriações (Figuras 4);
- 4- A presença de pessoas em situação de rua é invisível no discurso sobre o bairro, mas na prática vários lugares têm servido de moradia, de sustento e mendicância (Figura 5);



Figura 1 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Genesis Office.

Fonte: COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO).



Figura 3 - Captura de tela em vídeo de anúncio do empreendimento Casa Opus Ipiranga.

Fonte: COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO).



Figura 2 - Panfletos dos empreendimentos Ipiranga Park e Terra Mundi, Anápolis.

Fonte: COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO).



Figura 4 - vendedor de sabão de soda e tamboretas.

Fonte: COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO).





- 5- O parque Ipiranga é o lugar mais emblemático do bairro atualmente. Agrega diferentes grupos, em diferentes horários, promovendo dinâmicas heterogêneas e complexas; Mas o feirão também é um protagonista na sua essência e função, dotando o bairro de uma ambiência, ritmo e sentidos interessantes (Figura 6 - 7);
- 6- Lugar de lazer, de esporte, de trabalho, de exposições, de desfiles de estilos de vida, do rap, do culto, do sagrado e do profano, de altos ídolos e novos lançamentos imobiliários, mas também de artesãos, jardins populares, bananeiras, o Parque Ipiranga e seu entorno imediato são protagonistas e um grande laboratório para a pesquisa;
- 7- Os espaços públicos no bairro têm sofrido refuncionalizações e apresentam diferenças estéticas que destacam a existência de uma complexidade de lugares e pessoas (Figura 6).



Figura 5 – Jundia(s)

Fonte: COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO).



Figura 6: Fitness e pets (apenas uma amostra dos tantos avisos)

Fonte: COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO).



Figura 7: Feira coberta

Fonte: COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiaí, em Anápolis (GO).





- 8- Dependendo de onde se encontra (não só fisicamente) o observador, a imagem do bairro pode modificar.
- 9- Aprendi com Lefebvre (1991) através da Ana Laura Cabral (2020) que a cotidianidade prática se sobrepõe à cotidianidade do imaginário, e o desejo encontra satisfações imaginárias, vive e sobrevive de maneira imaginária, estabelecendo para si mesmo uma permanência e saturações imaginárias. E é atrás dessas cotidianidades que as colagens foram pensadas (Figura 8 – 11)



Figura 8: Entre o sonho e a memória.  
Fonte: Autoria própria.



Figura 9: Feridas do concreto







Fonte: Autoria própria.

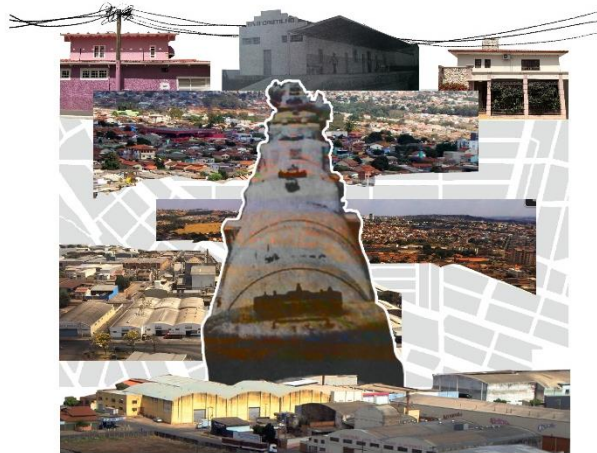


Figura 10: Coexistência do tempo

Fonte: Autoria própria.



Figura 11: O avesso do cotidiano.

Fonte: Autoria própria.

## Considerações Finais

Os espaços conflitantes, a segregação urbana e a rugosidade do espaço urbano, são elementos que confirmam como a dinâmica de ocupação do bairro Jundiá ocorre





de forma controversa em relação ao que é representado pelas peças publicitárias: o lugar ideal, luxuoso e que traz felicidade e plenitude. Isso acaba por ignorar a relação entre corpo e cidade, e o corpo dito aqui, é aquele que traz a carga histórica da cidade.

As dissertações de Aguiar (2019), Júnior (2019), Cabral (2020) e a pesquisa de Iniciação Científica de Bicalho (2021) foram imprescindíveis para o desenvolvimento deste trabalho, que permeia todas as questões aqui analisadas.

### Agradecimentos

Agradeço ao Grupo de Trabalho – 2 do PPGS – Teccer UEG pelas discussões e apoio durante essa pesquisa.

### Referências

AGUIAR, Talita Siqueira. **Corpos Segregados e pobreza absoluta no processo de produção de pessoas em situação de rua em Anápolis**. Dissertação de Mestrado apresentado ao PPGS, Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Anápolis, UEG, 2019.

BICALHO, Mahara. **Anúncios publicitários de empreendimentos imobiliários no bairro Jundiá em Anápolis (GO): uma análise sob a ótica da sociedade do consumo dirigido**. Pesquisa de iniciação científica, Curso de Arquitetura e Urbanismo, Anápolis, UEG, 2021.

CABRAL, Ana Laura Lopes. **COSTURANDO IMAGENS URBANAS EM MOVIMENTO: o avesso do bairro Jundiá, em Anápolis (GO)**. Dissertação de Mestrado apresentado ao PPGS, Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Anápolis, UEG, 2020.

HARVEY, David. **Condição Pós-moderna: uma pesquisa sobre as origens da mudança cultural**. 16a ed. São Paulo: Edições Loyola, 2007.

JUNIOR, Osvaldo Lino. **DA GÊNESE AO GÊNESIS: Transformações e Permanências no Espaço da Vila Industrial Jundiá**. Dissertação de Mestrado apresentado ao PPGS, Territórios e Expressões Culturais no Cerrado, Anápolis, UEG, 2020.

LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Editora Ática, 1991.

